

OS TESOUROS DA TERRA



N
O
S
S
A

G
E
N
T
E

Seu Lédio

nossa gratidão

à Sabedoria Ancestral

Herança Divina.

ao Sr Lédio por praticar todos os dias o Amor
ao próximo, seguindo fielmente os ensinamentos
do Evangelho de Jesus.

Ao grupo Grãos de Luz de Lumiar, mestres
rezadeiras (as), erveiros (as) e aprendizes das
práticas populares de saúde.

à entusiasmada e solidária parceria de
tantos (as) que animam e suavizam a caminhada.

Este livreto foi produzido pelo Ponto de Cultura **Os Tesouros da Terra. Nossa Gente, Rezas, Ervas e Danças.** A proposta do Ponto de Cultura é tornar visível o valioso patrimônio imaterial cultural da região. Valorizar a prática dos mestres populares que trabalham pelo bem da saúde da comunidade e partilhar esse precioso tesouro com as gerações mais novas.

Lumiar, Nova Friburgo - RJ 2015



Eledyr da Costa

Tio Lédio

Mestre Erveiro e Rezador

Seu Lédio

Voz mansa, pausada,
condutora de um outro tempo.
Lá vai ele, de bicicleta, a pé,
rosto vermelho, sorriso brejeiro,
olhinho apertado, astuto, sagaz.

Observador maroto
conhece com intimidade
plantas, bichos, a terra,
as águas e o céu de onde mora.
Sonhador, adora viajar.

Para o trabalho, os sagrados ofícios,
tanto faz, não tem hora!

A mesa e o coração
sempre fartos para a partilha da comunhão.
Em casa, nos abrigos, e hospitais
suas palavras brilham
repositórios de fraternidade,
Fé, no Amor Maior.

Se dele dependesse,
com tamanha disposição,
faria de cada cantinho da terra
um roçado de compaixão.
Pode tesouro maior existir então?

**“Quem não vive para servir.
Não serve para viver”.**

Sr. Eledyr da Costa nasceu em 9 de maio de 1937, filho de Manuel Augusto da Costa e de Ana Maria da Costa, patriarca e matriarca, personagens inesquecíveis do Vale dos Peões. Vale onde mora com sua família e guarda a história de seu avô materno João Luis Gomes, peão amansador de animal. Seu João preparava mulas e cavalos que serviam aos tropeiros no transporte das mercadorias de uma região para outra.

“Meus avós paternos vieram da Alemanha e França. Tiveram que mudar o sobrenome Thuller e Reguelli para não serem mortos. Uns trocavam para Rocha, Figueira, Oliveira. Meus avós trocaram para Costa.”

“Em primeiro, meu pai deixou para nós muita educação e respeito. Dizia: O valentão é aquele que enjeita. Enjeitar uma briga é muito mais difícil que entrar nela.

Criança da roça ficava o tempo todo junto dos pais para aprender qual o pau era de corte e o que era madeira de lei, e conhecer as madeiras fortes para guardar o fogo, como Jacatirão, Capixingui, Cambata, Ipiuna. O homem para casar tinha que ter sua casa, sua roça de feijão, seu capado na ceva.

“Já minha mãe era cabocla vinda de Cabo Frio, conhecia tudo que era erva, daí eu conhecer muitas plantas. É até esquisito mas é bonito! Minha mãe não gostava de cozinha só de roça, de ser parteira e dançar baile. Ela botou logo os filhos prá cozinhar. Cada semana um filho cozinava. Dizia: - Vocês tem que aprender de tudo, até de parto. Vocês podem ir morar num lugar sem recursos e vão ter que se virar. Ela, então, ensinava como fazer. Rezava muito para Nossa Senhora do Parto. Meu pai tinha uma imagem. Um mês antes da época do nascimento se fazia uma novena. Essa imagem fazia uma revolução no corpo da mulher e a criança encontrava a melhor posição prá nascer.”

“Eram muitas as parteiras daqui. D. Celestina, D. Zifa, D. Valda de São Pedro, D. Júlia, esposa do Américo Faltz. A gente marcava com a parteira um mês antes da criança nascer. Quando ela acabava de fazer o parto, ela dizia: - Agora é com vocês. Então já tinha uma galinha muito especial reservada para a canja. Se o filho fosse homem o resguardo da mãe era de 40 dias, se fosse mulher era de somente 30 dias. Depois que a mulher ganhava a criança, naquele tempo existia a Água Ingleza e também era aconselhado tomar o chá de Agoniada. Se a mulher quebrava o resguardo tinha que tomar o purgante de óleo de ricino durante 3 dias sem botar o pé na friagem.”

Seu Lédio foi jogador de futebol pelo time de Lumiar junto com grandes craques da época, o irmão Júlio, Varley Valentin Vieira, Hamilton Gouvêa. Ainda solteiro viveu no Rio de Janeiro vendo se a carreira de jogador, na cidade grande, conseguia sucesso. Quem ensinou o futebol foi Pinga, jogador do Vasco na época. Desenganado pelos médicos da cidade, ele veio para Lumiar e foi curado por dona Aninha da tuberculose, só com as ervas medicinais .

“ Eu fiz uns 1090 gols, só no primeiro time joguei uns 40 e tantos anos. O time daqui era muito bom. Daqui de casa eram meus irmãos Júlio, José Ladite e Antonio Tarcílio, meus primos Joãzinho e Chiminga alemão.”

Trabalhou como pedreiro, motorista de caminhão, abridor de estradas. Ajudou a abrir a Rio-Bahia em Teresópolis. Mas trabalhar na roça, plantando, cuidando da terra é o que mais gosta de fazer na vida, junto com o prazer de viajar, conhecer sempre novas gentes, novas terras e identificando as espécies vegetais por onde passa. Sua fé e os ensinamentos cristãos se expressam em cada gesto, em cada ato, palavra e atitude. Princípios fortemente fincados pelos pais e avós.

“Quem não vive para servir, não serve para viver.”

Minha tia Belarmina Gomes, foi minha mãe de leite. Um dia ela me chamou. Ela já estava bem caidinha. _ “Meu filhinho, eu queria falar uma coisa com você. Você não fica triste e nem vai ficar com vergonha? Eu queria passar umas rezas prá você. Eu não tenho bens materiais, mas tem acontecido muita coisa boa prá mim”.

Quem passou as rezas para minha tia foi sua mãe, minha avó Hortênsia Rosa do Espírito Santo, que se casou com 11anos. Tia Belarmina sabia diversas rezas mas eu só aprendi 3. A primeira foi a reza da irispela. São 2 tipos de irispela. Uma é a irispela preta, perigosa que mata, chamada de trombose. A outra é a irispela vermelha. Dá um cordão vermelho que começa debaixo do braço e vai até a virilha.

A outra reza é para um mal que dá nas crianças bem novinhas, entre 6 meses e 1 ano, “Tomado da Lua”. A criança só cresce a cabeça. Esse mal tem cura. A moleira fica arriada em cima do crânio. Eu rezei o primo da Nazaré minha esposa. O médico desenganou ele e disse para ele esperar a morte em casa. Rezei 3 vezes. Cada dia a moleira subia um pouquinho até ficar normal. A criança chora muito. Fica desesperada. Hoje ele está aí.

Aprendi também rezar o vento caído ou ventre caído. Tinha dias que tinha mais de 4 crianças para rezar. Vinha gente da Toca da Onça, de Rio Bonito. Hoje tem muitas moças que passam por mim e perguntam; “_ Seu Lédio, o senhor lembra de mim? Minha mãe me contou que o senhor me rezou.”

“Tem reza para apagar o fogo. Quando se tem uma mata pegando fogo pega-se uma bacia com água e uma toalha velha, se molha e cerca-se o fogo com a toalha, rezando um Pai Nosso e uma Ave Maria. A reza é feita 3 vezes desse jeito e com muita Fé, senão de nada vale. Conforme a reza vai sendo feita, o fogo vai diminuindo.

Eu não me lembro mais das palavras da reza para apagar fogo. Quem me ensinou foi seu Osvaldo Correia. Este sim, conhecia as rezas. Ele tinha reza que até o dente esfarelava. Ele perguntava antes se a pessoa ia precisar daquele dente. Se fosse precisar não podia nem rezar para não estourar.

Na hora de rezar você tem que ficar ligado naquilo, não pensar em mais nada, para ter uma boa concentração.

Uma vez fui a Mury para alguém me rezar de coluna. Era um alemão. Ele me fez flutuar um tanto assim do chão. Aí me deu medo. Fiquei bom durante muito tempo. Mas eu lido com muito peso e aí volta.

Tia Belarmina tinha uma reza forte! Eu tinha uma dor de cabeça enjoada que estava durando muitos dias; fui rezado de Malina por ela. Botou um copo com água na minha cabeça, a água ferveu.

Eu passei as rezas para minha filha Elisa. Ela anotou tudinho. Espero que daqui outros aprendam.”

*“A gente reza pensando num alívio para aquela pessoa.
Cada um reza de um jeito. Você reza uma vez e não esquece mais.
Eu rezo em silêncio, concentrado.*

Quando rezo, sinto uma emoção.

Sinto uma coisa boa!

A cura se dá através da Fé.

Eu sou apenas um instrumento!

O que vale é o nome de Deus!

“No tempo do meu avô não existia dinheiro não. Era tudo troca. Por aqui vinha um mascate para vender ouro acompanhado de um escravo. Em Barra Alegre tinha uma senzala. Meu avô comprou um cordão de ouro de uns 16 metros. Ele media um pedaço, pegava o machado e cortava. Uns pedaços pulavam pro mato e ninguém ligava.”

Quando jovem, seu amigo Milton Tardin inventou de fazer uma rádio e seu Lédio estava junto. Nela produziam todos os efeitos de sonoplastia. Cantavam. Transmitiam as notícias da região. Os recados para as famílias. Saudavam os aniversariantes. Anunciavam a previsão do tempo de acordo com as observações de seu pai Manoel Augusto. Faziam a propaganda do comércio local, que era o armazém do Nagib Turco, o armazém do seu Mansur José Pedro, na Pedra Riscada, e a venda do seu Rubém. Como a rádio só atingia de 2 a 3 quilômetros de área, seu Milton Tardin deu a sugestão de chegarem mais perto de outros cantões que não podiam ser atingidos pela rádio de Lumiar. Aí foram falar com o Braulio Vieira que tinha um caminhão. A diretora da escola falou para construírem uma sede, já que eram tão empreendedores e tinham tantos talentos. Daí, com os donativos da comunidade, o barracão foi sendo construído, à noite, em mutirão, depois do trabalho na roça.

“Queríamos fazer alguma coisa por Lumiar. Nós tínhamos talento. Na época eu tinha uns 19 anos. Aí começamos com a serenata em Lumiar. Daí eu botei o primeiro calçado no meu pé. Até então só vivia de pé no chão. Nesta época Lumiar só tinha 4 ou 5 casas. Dia de serenata a gente nem dormia em casa. Íamos dormir na casa do sanfoneiro Waldecy. Meu irmão Juvenir e Almir Mafort na sanfona davam show. Sábado e domingo era só baile.

Também fiz parte da Banda Euterpe Lumiarense meu instrumento era o bumbo.

A Dona Maria Mouta professora e diretora do Seminário percebeu que tínhamos jeito e convidou para fazermos teatro. Dona Marina e seu Secreto que eram do Teatro Municipal do Rio de Janeiro mandavam umas peças de teatro e aí apresentávamos na Divina Providência do lado da Ação Rural. O pessoal foi gostando e pediram uma apresentação do nascimento de Cristo, para a época de Natal. Eu era o rei Baltazar. Nunca me esqueci da música que cantava.”

“Lá das bandas do oriente

Uma estrela nos guiou

Aceitai Oh! Deus Menino

Este ouro que vos dou .”

“Também íamos de caminhão 51 passar cinema na Toca da Onça, Vargem Alta, Rio Bonito. Compramos um motor com capacidade de 25 lâmpada, um motor a diesel com gerador. O dinheiro da bilheteria era para a manutenção. Nós tínhamos um amigo americano seu Linton que trazia os filmes. O melhor filme que passou foi “Tarzan e as Amazonas”. Depois da projeção, ha!ha! Juvenir puxava a sanfona e o baile arrepiava!

Tínhamos também um toca-disco. Muitas músicas de Mário Zan.”

Seu Lédio conhece praticamente tudo que é tipo de erva medicinal, de árvores do mato e de um tantão de histórias de bichos e de fenômenos naturais. Conhecimento acumulado pela experiência de toda uma vida, através do observar, ouvir, sentir, calar diante de tantas vidas que fazem parte dessa Natureza imensurável.

Casado com Maria Nazaré Faltz da Costa desde 20 de setembro de 1969 vivem numa comunidade familiar junto aos filhos Everaldo, Elisa Maria, Edinaldo, Elimar Luzia e cercado dos netos Daniel José, Emanuel Augusto, Frederico e Ian Fernandez.

Sua casa, hoje também a Pousada do Vale, é um lugar de encontros, celebrações, de festa de bailes animados, lugar de acolhimento aos mais necessitados, de novenas e rezas mantendo a tradição de pai Manuel Augusto e da mãe D. Aninha.

Seu Lédio traz as memórias das danças dos bailes; o Xote de Roda, a Polca de Versos, a Rancheira, a Mazurca e o Molambo muito bem gravadas no corpo.

“A maioria da minha família toca acordeão. Somos 5 irmãos. Meu irmão Juvenir é profissional, tem um conjunto de forró, faz seus shows.”

A família Costa preserva a sanfoninha de 8 baixos pertencente ao patriarca Manuel Augusto.

Este espírito de alegria, brincadeira e troça, bem característico da família, fez os irmãos se reunirem para criar “A CAÇADA”, onde através da música de assovios, pios de pássaros descrevem os animais que vão encontrando pelo caminho. A contação da história traz junto a sanfona, o pandeiro e o triângulo tocados pelos irmãos Juvenir e Júlio.

RECEITUÁRIO DO SENHOR LÉDIO

PARA MALES DO FÍGADO

PICÃO

PARIPAROBA, também chamada CAPEBA

Preparar o chá e ir tomando 3 vezes ao dia, durante uma semana.

PARA A TUBERCULOSE

ERVA MOURA

ASSA PEIXE

ERVA PASSARINHO

Fazer o chá juntando as 3 ervas. Tomar uns 15 dias seguidos, como se fosse água. Beber sempre o chá fresquinho, feito no dia.

A erva moura pode ser comida crua, como salada.

A erva passarinho usada para fins medicinais não pode ser de árvore de espinhos.

PARA INFLAMAÇÕES NO ÚTERO E OVÁRIOS

TANSAGEM

BARBATIMÃO

Preparar o chá da casca do barbatimão e tomar durante 1 semana.

Usar a tansagem também em forma de chá.

PARA ÁCIDO ÚRICO
CHAPÉU DE COURO

Beber uma xícara do chá, 3 vezes ao dia ,durante uns 5 dias.

PARA HEPATITE
PICÃO

Ir tomando o chá até o amarelão desaparecer .

PARA O RINS
MARMELINHO
PANACÉIA

Tomar umas 3 xícaras de chá por dia. Também pode fazer um chá único misturando as duas ervas. Beber durante 8 dias.

COMPOSTO PARA CISTITE
ALFAVACA ANIS
CABELO DE MILHO BRANCO
PANACÉIA
CANA DE MACACO.
MARMELINHO

Fazer o chá e ir tomando como água, durante uma semana.
Depois parar durante 7 dias. Observar como o corpo reage .

COMPOSTO PARA GRIPE

Erva - macaé , 3 raízes .

Erva grossa, 3 pés (a planta inteira).

Laranja da Terra, 9 folhas.

Pitanga, 3 pontas de galho.

Poejo, 1 punhado.

Hortelã, 1 punhado.

Para o cozimento na água, em primeiro lugar vão as raízes. Após ferver, acrescentar as folhas restantes e contar 1 minuto. Apagar o fogo e deixar o preparado descansando. A tampa do recipiente deve ser de louça ou vidro. Fazer uma boa quantidade de chá para ir tomando como água.

PARA ANEMIA

QUINA CRUZEIRO, raiz

Deixar a quina cruzeiro em infusão no vinho moscatel ou no vinho branco, dentro de uma garrafa escura por uns 6 a 8 dias. Beber um cálice antes das refeições principais.

PICÃO

Fazer o chá de picão e tomar 3 vezes ao dia, durante uma semana e descansar outra.

PARA HEMORRÓIDAS

Pariparoba

Beber o chá de pariparoba uns 5 dias seguidos, no mínimo.

Beber o chá como se fosse água.

PARA QUEBRADURA DE OSSOS

SAIÃO

ERVA PASSARINHO

ASSA-PEIXE

Fazer um chá misturando as 3 ervas. Fazer uma compressa externa com saião, sal e azeite doce e aplicar no local da quebradura ajuda muito ao tratamento.

PARA ENTORSE, DESTRONCADO, DORES EM GERAL

LIXA VIOLA

Tomar em forma de chá. Chá bem gostosinho, de cheiro muito bom. Tomar como água.

PARA INTESTINO RESSECADO

PARIPAROBA ou CAPEBA

Tomar como chá.

PARA VISTA INFLAMADA

Pegar rosa branca e colocar num pratinho de louça e deixar no sereno, durante a noite. No dia seguinte, espremer as pétalas com o líquido que se formar, banhar a vista.

PARA DOR DE OUVIDO

Colher uma flor de abóbora, aquecer na chapa do fogão ou na frigideira. Amassar na mão e em seguida fritar num óleo de cozinha. Depois de amornar pingar com um algodãozinho no ouvido.

MEU AVÓ E A ONÇA. Causo inventado por seu Lédio.

Meu avô, ele gostava muito de caçar onça, de entrar mata adentro. Para entrar no mato tinha de saber. Primeiramente, pedir licença para o dono do mato. Uma tardinha meu avô se meteu no mato para pegar jacu. Jacu só pia de noitinha ... Aí, de repente, viu que tava perdido, não achava o caminho de voltar para casa. Ele começou a ficar preocupado, andava muita onça por ali. Olhou pros lados e viu um toco bem alto de uns 5 a 6 metros e tinha uma varas que dava acesso lá prá cima: - *Eu vou subir neste toco porque lá eu fico protegido das onças.*

Trepou no tronco e por lá ficou esperando o tempo passar. Ele não sabia que o toco era oco, e quando foi se ajeitar melhor, caiu lá no fundo do oco do pau. - Agora é que tô morto de vez. Nem bem acabou de se ajeitar, sentiu uns bichinhos garrar nos pés dele, na sua roupa, puxando. Nem imaginam! A lua clareava lá de cima, eram 4 filhotes de onça. _ Aí, meu Deus, agora sim eu que pensava estar morto agora é que vou morrer mesmo. Ah! Mas agora eu tenho uma ideia, deve dar certo! Onça só desce de bunda, vem se agarrando pelo pau... Na hora que o buraco escurecer lá em cima, é ela que tá chegando. Nem acabou de pensar, sentiu um cipó, segurou nele e sabe, num é que a coisa tava quente. Foi gritando: _ Bicho, diacho! A onça arrancou com ele lá prá em cima e jogou ele prá longe.

- Ufa! Graças a onça me salvei, se não fosse ela eu tava lascado!

Mas meu avô do jeito tihoso que era, não queria deixar a onça em paz. Ele saiu correndo atrás dela. A onça ficou com medo dele porque ele era muito feio e foi se esconder atrás de uma pedra. Meu avô não desistia. - Ah! Onça tu tá aqui. Garrou a língua da onça, deu uma volta seca e foi saindo tudo, até o fato dela. A onça fugiu apavorada e nunca mais apareceu por ali.

Ledy Lédio da Costa

Organização e pesquisa: Maria Luiza Borba

Texto: Maria Luiza Borba

Capa: Maria Cristina C. de Moraes

Revisão: Maria Luiza Borba

Diagramação: Maria Luiza Borba
Leandro Schúindt

Impressão: Copiadora PETELECO

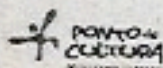
Ano 1 2015 livreto 1

Os Pontos de Cultura são iniciativas da sociedade civil potencializadas pelo Governo Federal através do Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania
CULTURA VIVA.

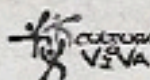
Este programa atua conveniado com estados e municípios aliados ao programa Mais Cultura do Ministério das Culturas.



Apoio:



Cultura



MINISTÉRIO DA CULTURA

